



O FENÔMENO DO RACISMO ESTRUTURAL NO CONTEXTO DA ADOÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NEGROS NO BRASIL

THE PHENOMENON OF STRUCTURAL RACISM IN THE CONTEXT OF ADOPTION OF BLACK CHILDREN AND ADOLESCENTS IN BRAZIL

Maria Eliza Leal Cabral¹

Maurício Nader²

RESUMO

O tema deste trabalho diz respeito aos impactos do racismo estrutural no contexto da adoção de crianças e adolescentes negros no Brasil. Nesse contexto, o objetivo geral consiste em investigar a relação existente entre a seletividade na adoção de crianças e adolescentes negros no Brasil e o racismo estrutural. Os objetivos específicos são: apresentar os indicadores oficiais acerca da adoção de crianças e adolescentes negros no Brasil e analisar o fenômeno do racismo estrutural e a sua relação com a adoção de crianças e adolescentes negros no Brasil. O problema de pesquisa busca indagar o seguinte questionamento: quais são os impactos do racismo estrutural em relação à seletividade na adoção de crianças e adolescentes negros no Brasil? A metodologia consiste na utilização do método de abordagem dedutivo e do método de procedimento monográfico, com técnicas de pesquisa bibliográfica e documental.

INTRODUÇÃO

¹ Mestra em Direito pelo PPGD da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, com bolsa/taxa CAPES. Professora do Curso de Direito, na Faculdade Dom Alberto. Colaboradora externa do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas de Inclusão Social e do Grupo de Estudos em Direitos Humanos de Crianças, Adolescentes e Jovens do PPGD/UNISC. Colaboradora externa do Núcleo de Estudos em Gênero e Raça - NEGRA, vinculado ao PPGD/UNESC. E-mail: melizacabral@gmail.com.

² Bacharel em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Pós graduando em Direito Público Aplicado pela Escola Brasileira de Direito e integrante do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas de Inclusão Social e do Grupo de Estudos em Direitos Humanos de Crianças, Adolescentes e Jovens do PPGD/UNISC. E-mail: mgriguc@hotmail.com

Este trabalho busca analisar o fenômeno do racismo estrutural e o seu impacto em relação à permanência de crianças e adolescentes negros nas filas de adoção, enquanto crianças e adolescentes brancas correspondem aos corpos preferidos nesse contexto.

O objetivo geral consiste em investigar a relação existente entre a seletividade na adoção de crianças e adolescentes negros no Brasil e o racismo estrutural. Os objetivos específicos são: apresentar os indicadores oficiais acerca da adoção de crianças e adolescentes negros no Brasil e analisar o fenômeno do racismo estrutural e a sua relação com a adoção de crianças e adolescentes negros no Brasil.

O problema de pesquisa busca indagar o seguinte questionamento: quais são os impactos do racismo estrutural em relação à seletividade na adoção de crianças e adolescentes negros no Brasil?

O tema deste trabalho é fruto dos estudos desenvolvidos no do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas de Inclusão Social e do Grupo de Estudos em Direitos Humanos de Crianças, Adolescentes e Jovens do PPGD/UNISC.

A análise do tema se torna pertinente no contexto do Direito da Criança e do Adolescente e das políticas públicas brasileiras, uma vez que o passado escravocrata e colonial permanece reproduzindo desigualdades raciais, colocando crianças e adolescentes negros a margem da sociedade.

A metodologia consiste na utilização do método de abordagem dedutivo e do método de procedimento monográfico, com técnicas de pesquisa bibliográfica e documental.

DESENVOLVIMENTO

A desigualdade racial é um tema presente nos mais diversos contextos, no cenário brasileiro. Em relação à adoção de crianças e adolescentes, não é diferente, uma vez que existe um perfil buscado pelos adotantes, qual seja, pele branca e olhos azuis, evidenciando, mais uma vez, o fenômeno do racismo estrutural e a função que a raça desempenha na contemporaneidade.

Segundo dados do Conselho Nacional de Justiça, (2022), existem 4.134 crianças e adolescentes disponíveis para adoção, dos quais 53,2% pardas; 1.113 ou 26,9% brancas e 670 ou 16,2% pretas.

Os elevados indicadores de crianças e adolescentes negros e pardos disponíveis para adoção estão relacionados à classificação dos indivíduos a partir da raça, “considerando que ainda não houve a superação da concepção da hierarquia entre raças humanas, o que impõe aos grupos raciais negros, a condição de subalternidade, marginalização e exclusão na sociedade brasileira” (LIMA, 2016, p. 112).

A raça sempre esteve atrelada à ideia de conflito, poder e decisão. Embora inicialmente relacionada à classificação de plantas e animais, em meados do século XVI, como um fenômeno da modernidade, o termo raça passou a relacionar-se diretamente à classificação de seres humanos (ALMEIDA, 2018, p. 17).

É criada a noção de “uma raça superior (branco-europeia) detentora de superioridade física, moral, intelectual e estética, dispondo, portanto, de um poder sobre verdades e normas, e aquelas raças que constituem um perigo para o patrimônio biológico” (SCHUCMAN, 2010, p. 43). Nesse contexto, o negro é racializado subalternamente, a partir de estigmas e estereótipos que negam a sua humanidade, colocando-o à margem da sociedade.

Por outro lado, “o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação” (MUNANGA, 2004, p. 06).

Se as teorias científicas sobre raça, que determinavam existir entre os grupos humanos diferenças essenciais, foram desacreditadas pelas modernas pesquisas em ciências sociais e biologia genética, o racismo que as embasa continuou a reinventar-se em novas práticas e retóricas políticas, sociais e culturais. Longe de ser um tema relegado ao passado, como parte do discurso oficial e do senso comum faz crer, a correlação entre características fenotípicas (como cor de pele ou tipo de cabelo) e atributos subjetivos (como inteligência, capacidades morais ou disposições físicas) ainda é moeda corrente na economia das nossas relações sociais (SCHWARCZ; MENEZES NETO, 2016, p. 31-32)

Nesse cenário, constata-se que o racismo estrutural se encontra presente no contexto da adoção de crianças e adolescentes negros do Brasil, evidenciando que a ideia de raça promove divisões nesse sentido, já que explica a razão pela qual crianças e adolescentes brancos são adotados com maior facilidade.

CONCLUSÃO

Por tratar-se de resumo expandido, tal trabalho encontra-se em fase de desenvolvimento, razão pela qual as conclusões e resultados são parciais.

É preciso atentar para o expressivo número de crianças e adolescentes pardos que, segundo os números divulgados pelo Conselho Nacional de Justiça, representam 53,2% entre os disponíveis para adoção. Os números passíveis de se caracterizar como reflexo do racismo estrutural nas adoções, aparentam uma subnotificação, uma vez que exista a possibilidade de muitas pessoas negras se identificarem como pardas. Portanto, a presente pesquisa constata que o reflexo do racismo estrutural nas adoções pode ser mais expressivo do que os levantamentos estatísticos permitem avaliar.

Em resposta ao problema de pesquisa, que investiga quais são os impactos do racismo estrutural em relação à seletividade na adoção de crianças e adolescentes negros no Brasil, percebe que a concepção racial é responsável pela dificuldade na adoção de crianças e adolescentes negros e pardos.

Palavras-chave: Adoção; Adolescentes; Crianças; Racismo Estrutural; Seletividade.

Keywords: Adoption; Teenagers; Children; Structural Racism; Selectivity.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

LIMA, Fernanda da Silva. Como enfrentar as desigualdades raciais no Brasil? Uma análise jurídica e social das relações raciais na perspectiva da teoria dos direitos humanos e fundamentais. **Revista Espaço Acadêmico, Maringá**, v. 16, p. 110-121, 2016.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira** [S.l: s.n.], 2004.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. **Revista Psicologia Política**, v. 10, p. 41-55, 2010.

SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do "Objeto da Ciência" ao Sujeito Político. **Psicologia: Ciência e Profissão (online)**, v. 37, p. 172-185, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; MENEZES NETO, Hélio. Quando o passado atropela o presente: notas de um Brasil que insiste no racismo. **Revista Cadernos de Campo**. São Paulo. v. 25, p. 31-35, 2016.